



OLHANDO PARA O FEMININO EM CIRCULAÇÃO – NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE MULHERES MUÇULMANAS

Francirosy Campos Barbosa Ferreira¹

Há dois anos venho trabalhando sobre a temática do fazer etnográfico em comunidades islâmicas, tendo o fazer das pesquisadoras de Islã no Brasil como objeto de pesquisa². No entanto, o interesse pelo tema nasceu durante o meu doutorado ao ler a experiência de Karen Armstrong no livro *A escada espiral*. O modo como Armstrong narrava sua experiência ao escrever sobre o Islã, me instigou a saber como seriam as narrativas das pesquisadoras para além de suas dissertações e teses. Neste período ministrava o curso de extensão Seminários Temáticos sobre o Islã na USP, e já tinha uma boa dimensão dos trabalhos produzidos e este foi o start para solicitar que escrevessem sobre as suas experiências (Cf. Ferreira, 2007).

A pesquisa que desenvolvo conta com a colaboração de 6 pesquisadoras de Islã: Claudia Voigt Espinola (doutora em antropologia – UFSC); Sonia Hamid (doutoranda UnB); Vera Marques (doutora UFMG); Giselle Guilhon (Prof.a Dra UFPA); Gisele Fonseca Chagas (doutoranda UFF); Silvia Montenegro (Profa. Dra Conicet –Ar). Interesse-me não só pelas experiências etnográficas dessas pesquisadoras, mas também nas questões de gênero, que aparecem ou não, em seus respectivos trabalhos. “Olhando para o feminino no Islã” revela não só o modo como somos levadas a pensar as questões de gênero, mas também o modo como as pesquisadoras utilizam-se de estratégias que possam revelar um pouco mais sobre o fazer pesquisas em comunidades homosociais, como são as comunidades muçulmanas. O recorte por essas pesquisadoras e suas experiências etnográficas não restringe o nosso trabalho a um único universo, ao contrário, estamos sempre buscando outros trabalhos que possam dialogar com a nossa questão inicial e que deixo entrever nesta comunicação, articulando outros trabalhos.

Cabe dizer, que os temas recorrentes em trabalhos sobre Islã são: identidade, conversão, gênero, imagem, performance e imigração, portanto, valeria discorrer um pouco do que tratam essas pesquisadoras e outras que fomos conhecendo no caminho. Aqui vamos acionar alguns trabalhos que tratam do tema da imigração ou que o tangenciam. Estou certa que se trata de um texto ainda

¹ Antropóloga. Bolsista Prodoc e Professora Colaboradora da Pós-graduação do Instituto de Artes – Unicamp. Pesquisadora do GRAVI, NAPERDRA, ALÉF, NECI (CRIA) – Núcleo de Estudos em Contextos Islâmicos/Lisboa-Portugal. francirosy@gmail.com

² FERREIRA, Francirosy. (Org.). *Olhares Femininos sobre o Islã: etnografias, metodologias e imagens*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010; FERREIRA, F. Experiências com o Islã: as intelectuais nas mesquitas. In: *Interseções* – Revista de Estudos Interdisciplinares, ano 11, n.2. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. 2009, pp 261-290



em construção, e portanto, mais do que concluir qualquer reflexão, nosso desejo aqui é de formular questões, e indagar a respeito desses trabalhos: o que podemos falar sobre gênero e imigração? O que é possível falar das mulheres muçulmanas em trânsito, no Brasil ou fora dele?

Os muçulmanos que emigram de seus países levam ao país de destino não apenas as memórias dos fundamentos islâmicos, mas também o seu modo de vida, continuando muçulmanos árabes, muçulmanos asiáticos ou muçulmanos africanos, seja no Brasil, em Portugal ou qualquer outro lugar. Mas, com o aparecimento da segunda e terceira gerações, a situação se modifica, pois esses últimos se distanciam da sua procedência, ainda que os pais tentem preservá-las. Todavia, os jovens muçulmanos, filhos de imigrantes, têm reivindicado um retorno ao Islã. Também os convertidos, “que tiveram que escolher entre ‘tornar-se’ paquistanês ou ‘tornar-se’ árabe em vez de ser muçulmano”, têm começado a se dar conta da diferença entre Islã e cultura (RAMADAN, 2004, p. 215).

Esta comunicação revela-se ainda de forma singular, pois apresenta alguns fragmentos que nos ajudam a pensar sobre as questões que envolvem famílias em trânsito, no qual as mulheres assumem papéis diversificados. Detenho-me nos trabalhos produzidos por pesquisadoras de comunidades árabes e/ ou islâmicas.

Começo com o trabalho da **Samira Adel Osman**, historiadora e professora da Unifesp-Guarulhos que vem trabalhando com a temática sobre migração por meio da História Oral de Vida desde o seu mestrado. O recorte feito pela autora em sua tese de doutorado foi:

imigrantes libaneses de primeira geração; mulheres descendentes de segunda geração, casadas com libaneses, na faixa etária entre os trinta e os cinquenta anos de idade; jovens descendentes de segunda e terceira gerações, filhos de pais libaneses e mães filhas de libaneses ou brasileiras, na faixa etária variando entre os sete e os vinte anos de idade na ida ao Líbano; e ainda brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses (2006).

Osman nos revela que a perspectiva de retorno ao Líbano dos membros da comunidade libano-brasileira é apontada como *desejo ou efetivada como projeto*. O projeto de retorno ao país de origem, o Líbano é recorrente nos desejos desta comunidade, independente para qual país eles tenham imigrado. Segundo a autora, a comunidade libano-brasileira tem mantido esse fluxo entre os dois países caracterizando um movimento circulatório e contínuo de idas e vindas dos diferentes membros. Ao mesmo tempo e contraditoriamente, pode existir a ideia ou sentimento de que se é parte da comunidade, em alguma dimensão:

Eu me sinto feliz vivendo aqui, adoro o Líbano, adoro os árabes, acho que qualquer país árabe que eu for vou me sentir bem, porque eu me sinto árabe (...). Eu só me sinto estrangeira quando se refere a mim como ‘brasileira’, de uma forma negativa, pejorativa mesmo, como no Brasil quando o pessoal fala ‘turca’. Daí sim a gente perde um pouco da nossa identidade, se sente diferente, discriminado. **Soraia Sami El Kadri (Rede II-2ª Geração)** (Cf. OSMAN, 2007, p. 296)

Osman afirma que “os estudos migratórios ocuparam um papel secundário, a questão da problemática do retorno *tampouco foi considerada* como um ato vinculado a esse processo. A



imigração, por muito tempo, foi entendida como um movimento de mão única, como se a partida do país natal significasse uma ruptura definitiva e irreversível”.

Alguns autores como Sayad (1998), Dustmann (2003) apontam para o caso do retorno, que merece atenções, pois “compreender o retorno, possibilidade ou apenas desejo latente como tema recorrente ao ato de imigrar não pode ser desprezado pelos estudiosos do fenômeno da imigração, de modo geral, e da imigração árabe, de modo particular” e o caso libanês estudado por Osman, é sobretudo, um dos quais mais chamam atenção. Dustmann (2003) defende que os filhos são um dos principais fatores, senão o principal, para os planos de retorno empreendidos pelos pais à terra natal, sendo este o ambiente avaliado como o mais apropriado para a criação deles (Cf. também Espinola, 2005, Osman 2006, Jardim 2009). O autor ainda aponta que há uma diferença de gênero na opção do retorno: quando o retorno envolve filhas, o que está em questão é a preservação das tradições e dos valores culturais e quando envolvem filhos a preocupação centra-se na carreira ou futuro econômico. Tais diferenças são ainda tanto mais acentuadas quanto maior for o peso da tradição na cultura do imigrante, o que leva Dustmann (2003) a afirmar que, neste caso, as filhas é que mais influenciam o retorno dos pais.

- 1- Podemos apontar que uma primeira questão a respeito do que pode mobilizar o retorno, a preocupação com a *educação das filhas (os)*. Cabe dizer que a preocupação da educação das filhas está também num fortalecimento das estruturas familiar, como Osman deixa entrever em seu texto:

No caso da imigração libanesa ao Brasil, as consequências deste processo são avaliadas do ponto de vista da manutenção da estrutura familiar e do projeto migratório ao longo de gerações, e quando esses papéis correm riscos nas gerações é hora de retornar. No retorno torna-se necessário retomar os papéis tradicionais, valorizar tarefas vistas como masculinas ou femininas, limitar-se no ambiente doméstico e ou o espaço do trabalho e da rua, portanto público (homens) (OSMAN, 2006, p.186).

Para mulheres fica evidente que se caracteriza como um retrocesso. O discurso das mães, sogras libanesas que recebem em sua casa as famílias retornadas, é que as mulher de fora – a brasileira - , não compreende a importância da família, privilegiando a família conjugal. Em seu trabalho Samira Osman apresenta vários depoimentos de mulheres que foram “enganadas” pelo maridos, a fim de que retornassem ao Líbano, acreditando que se mudariam para morar em sua própria residência, ao chegarem se deparam com outra realidade, passam a viver na casa da sogra convivendo assim com vários parentes no mesmo espaço doméstico. Por isso, o discurso de que elas valorizam a família conjugal, pai, mãe e filhos e não a família expandida. Fica evidente que a convivência no grupo expandido nem sempre é tranquila.



- 2- O segundo ponto que quero levantar trata-se das **relações familiares** – conflito de geração sogra x nora e o retrocesso ao comportamento feminino.

Esta dinâmica também pode ser encontrado no trabalho da antropóloga Denise Jardim (2009) “as mulheres voam com seus maridos”. Este provérbio árabe como destaca Jardim revela o ir e vir de esposas da Palestina ou de outras localidades para residir na cidade do Chui (RS). As famílias do noivos recebem as noras na sua unidade doméstica. A autora destaca que os arranjos matrimoniais e as relações de gênero podem contribuir para compreensão das disposições afetivas e laços sociais presentes nessa experiência imigratória. A imigração desses palestinos ao Brasil, deve-se pela constituição do Estado de Israel na Segunda Guerra Mundial.

- 3- Jardim afirma que são as **mulheres (mães e tias) as protagonistas** na organização da viagem de seus filhos e filhas e **mediadoras** dos casamentos entre jovens.

Assim como Denise Jardim, a antropóloga Claudia Voigt Espinola (2005), também atenta para o ir e vir da comunidade de Florianópolis, segundo a autora as viagens e as comunicações sob diversas formas são possibilidades abertas aos novos imigrantes. A possibilidade de viver em dois lugares, é uma característica marcante desses novos imigrantes. Espinola afirma que a viagem desempenham quatro funções para essa comunidade (p.110): 1- como processo educativo (apresentar o valor da família na educação dos filhos); 2- Em razão do casamento; 3- projetos de vida; 4- ritual de peregrinação (hajj, o quinto pilar do Islã).

- 4- Diversas **razões para viagens** revelam desejos de perpetuação da família e dos seus respectivos valores religiosos.

Existem muitos muçulmanos, de diferentes cores e feições, em Lisboa, alguns deles indianos, melhor dizendo, indo-paquistaneses, melhor dizendo, indo-bangladeshis-paquistaneses (para ele serão sempre indianos), categoria, uma de muitas, onde ele, os seus pais, os seus avós também entram. Mas o que é que esse muçulmano, que nasceu em Moçambique, tal como o seu pai, tem a ver com aqueles indianos que vieram para Portugal nos anos 80 e 90 do século XX, que nunca passaram por África, que nunca fizeram a viagem inversa de Vasco da Gama? Esse muçulmano, aparentemente, não é muito praticante, mas a fé é um assunto do foro íntimo dele e ninguém tem nada a ver com isso. Será que ele é muçulmano? Quem quer saber? Porque quer saber? É para alguma estatística? Para algum estudo ‘científico’? Para as notícias por causa de um atentado nas Filipinas ou na Chechénia? Já agora, o que é, para esse muçulmano, ser muçulmano? [um muçulmano em Lisboa] (Cf. CARDEIRA DA SILVA *et al*, 2010,p.3).

Em texto escrito pelo NECI – *Núcleo de Estudos em Contexto islâmicos do CRIA/ISCTE* “*Muçulmanos nas suas cidades*”, - *do qual faço parte* -, apresenta alguns pontos levantados sobre modelos islâmicos de cidade: a) de que o Islão é uma religião essencialmente urbana (embora habitando outro tipo de cidades) b) de que a maior parte dos muçulmanos vive em cidades c) de que a especificidade das cidades islâmicas resulta, precisamente, da sua especificidade religiosa.



Os processos de descolonização acentuaram, entretanto, também a constituição de comunidades muçulmanas diaspóricas. Tal como em muitas cidades de maioria muçulmana, isso obrigou à reformulação dos pressupostos de convivência de diversidade cultural e religiosa e de renegociação do islão 'correcto'. Mas a diversidade da origem e dos itinerários das comunidades migratórias que se constituem como equipas adversárias neste novo jogo de aferimentos demonstra, mais uma vez, como religião, etnicidade e nação se contaminam mutuamente e que, por isso, só é possível entender as regras, e quem joga contra quem... jogando (CARDEIRA DA SILVA *et al*, 2010, p.10).

Conforme nos aponta Marques (2009, p.73) a imigração é um dos motivos das principais causas do crescimento do Islã no mundo. A autora aponta a universalidade da mensagem islâmica como um elemento que permite a adaptação de qualquer muçulmano no Ocidente, ainda que mantenham as suas especificidades culturais, mas chama a atenção para que a sobreposição da sua cultura e dos princípios islâmicos não dificultem a sua integração. A autora deixa explícito que Islã e cultura podem estar juntos, numa relação complexa e delicada.

Neste sentido podemos destacar que o lugar ocupado pelas mulheres muçulmanas é em certa medida “dominada” pelos homens (na perspectiva de uma sociedade androcêntrica), mas que são elas que intervêm no parentesco. Quando trabalham fora, e muitas delas trabalham, são vistas como um trabalho menor, na perspectiva masculina, “elas ajudam”, afirma Espinola (2005, p.151). Assim como foi possível observar no texto de Osman, Jardim, o grupo pratica a patrilocalidade, isto implica em residir junto à família do marido.

Papéis femininos, patrilocalidade.

Ainda no texto escrito pelo NECI as “diásporas tenham vindo a ser idealizadas como comunidades exemplares do momento transnacional, abertas, porosas, cosmopolitas (...) desterritorializadas, capazes de fornecer (...) mas não de impor, como fazem os Estados-Nação aos seus cidadãos/súbditos, identidades flexíveis e múltiplas” (Tololyan 2000: 112), as comunidades diaspóricas estabelecidas não são, por definição, híbridas e/ou abertas às relações inter-culturais.

Não obstante, e depois de me ter pedido sigilo absoluto, Ebrahim (sua mulher e quatro filhos) aceitaram (talvez pela primeira vez) misturar: partilhar com a minha família, de baglãs não muçulmanos, uma semana de férias em Portugal. Nada foi fácil. Embora as comparações e as trocas de julgamento de valor (entre ‘eles’ e ‘nós’, ‘aqui’ e ‘lá’, ‘agora’ e ‘dantes’, etc.) fossem recorrentes, as trocas sucediam-se. Surpreendido consigo próprio, Ebrahim não se cansava de ‘misturar’ o Malawi e o Alentejo. (CARDEIRA DA SILVA *et al*, 2010, p.10).

Vakil (2004) considera que o Islão em Portugal “é um Islão de diáspora, resultante da convergência de diferentes práticas culturais do Islão num novo contexto de minoria religiosa que redefine o Islão português emergente, a presença islâmica na sociedade é também ela uma presença



actuante, que se exerce em termos de espaços diasporizados: uma presença de *cidadania*, não de imigração; de *integração transformativa*, não de assimilação passiva” (2004, p. 310, grifos meus).

5- Temos que a **cidadania e a integração transformativa** são dois elementos importantes no espaço diaspórico.

Maria Abranches aponta para a escassez de estudos relativos à posição da mulher nestes modelos culturais, por vezes conflituosos, deve-se essencialmente à especificidade que tem caracterizado as suas formas de migração. De acordo com Abranches os primeiros movimentos migratórios de grande parte destas mulheres surgiram na sequência da **emigração dos maridos**, elas permaneceram, numa primeira fase da sua estadia na *sociedade receptora, limitadas ao espaço doméstico (grifos meus)*. Em sua dissertação de mestrado, cujo trabalho de campo foi realizado entre Julho e Outubro de 2003 ela conta que:

identificaram-se estratégias de (re)construção identitária específicas do segmento feminino dos dois grupos de imigrantes muçulmanos mais representativos em Portugal, em que a filtragem de novos elementos socioculturais entra em negociação com um estreito controlo social e familiar e uma identidade religiosa forte, associada a modos de vida tradicionais que envolvem especificidades próprias do papel da mulher. O objecto de estudo centrou-se, assim, nas mulheres muçulmanas de origem guineense e de origem indiana, fazendo estas parte dos dois grupos que, em termos numéricos, representam a maior parte da imigração muçulmana em Portugal (p.110).

Abranches afirma que as mulheres de origem muçulmana indiana que residem em Portugal mantém o carácter original da cultura islâmica indiana, “visível através das práticas alimentares, de vestuário, linguísticas, rituais de passagem como o casamento, ou a forma como é vivida a sexualidade”. Isto também é observado quando o grupo é de guineenses: “o vestuário das guineenses, embora largo e comprido é, regra geral, extremamente colorido, não cobre o cabelo e deixa visíveis certas partes do corpo, adaptando-se apenas em parte às normas religiosas”.

Em contexto migratório como o de Portugal, “o desejo de libertação e autonomização das mulheres surge, muitas vezes, associado aos objetivos de reunificação familiar”. Além dos motivos que levam a (i)emigração: reagrupamento familiar ou por motivos de ordem económica, emerge também o desejo individual de ganhar maior autonomia que não seria possível no país de origem, sobretudo em relação as mulheres da África do norte e subsaariana, onde o sistema patrilinear continua a vigorar.

Como se chegar à autonomia feminina?

Para encerrar esta comunicação, que não teve por objetivo responder nenhuma das questões aqui propostas, no que concerne ao lugar feminino na imigração, permanência e/ou retorno a sua



cidade de origem, mas sobretudo, sinalizar alguns aspectos que perpassam o universo das imigrações e que foram tema de pesquisa de muitas pesquisadoras de Islã, a fim de possibilitar um diálogo mais amplo com colegas deste Simpósio. Cabe dizer, que as mulheres muçulmanas, independentes de sua origem, ocupam um lugar de transformação da vida social, seja na escolha dos casamentos dos filhos, seja acompanhando o marido, seja saindo de sua cidade em busca de sua autonomia. Como afirma Cardeira da Silva: **as mulheres muçulmanas começavam, a pouco e pouco, a mostrar que, afinal saíam de casa** (2008).

Bibliografia

ABRANCHES, Maria. Mulheres muçulmanas em Portugal: Que estratégias de (re)construção identitária? In: Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia *Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção* Atelier: Migrações e Etnicidades, s/d, pp.110-119.

ARMSTRONG, Karen. *A escada espiral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CARDEIRA DA SILVA; FERREIRA, Francirosy et al. Muçulmanos nas suas cidades. In: Fundação Calouste Gulbenkian, Programa Próxima Futuro, workshop “Cidades” 24 e 25 de Fevereiro, 2010.

_____. As mulheres, os outros e as mulheres dos outros. In: *Cadernos PAGU* (30), jan-junho de 2008, pp 137-159.

ESPINOLA, Claudia, V. *O véu que (des)cobre*: etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis. UFSC, Tese de Doutorado em Antropologia, 2005.

FERREIRA, Francirosy, C.B. *Entre arabescos, luas e tâmaras*: performances islâmicas em São Paulo. FFLCH/USP Tese de Doutorado em Antropologia, 2007, 372p.

_____. (Org.). *Olhares Femininos sobre o Islã*: etnografias, metodologias e imagens. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

_____. Experiências com o Islã: as intelectuais nas mesquitas. In: *Interseções* – Revista de Estudos Interdisciplinares, ano 11, n.2. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. 2009, pp 261-290

JARDIM, Denise, F. “As mulheres voam com seus maridos”: a experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. *Horiz. antropol.* [online]. 2009, vol.15, n.31, pp. 189-217. ISSN 0104-7183. doi: 10.1590/S0104-71832009000100008. acesso em: 15 de junho de 2010.

MARQUES, Vera, L.M. *Sobre práticas religiosas e culturais islâmicos no Brasil e em Portugal*: notas e observações de viagem. UFMG, doutorado em Sociologia, 2009.

OSMAN, Samira, Adel. *Entre o Líbano e o Brasil*: dinamica migratória e História Oral de vida. Tese de Doutorado, Departamento de História, USP, 2006.



OSMAN, Samira, Adel. Perspectivas identitárias na comunidade Líbano-brasileira. Texto integrante dos Anais do *XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom. <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Samira%20Adel%20Osman.pdf>. Acesso em 15 de Junho de 2010.

_____. *Problemáticas da Imigração e do retorno na comunidade Líbano-brasileira*. In: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ceru/v19n1/11.pdf> acesso em 15 de Junho de 2010.

RAMADAN, Tariq. *Western Muslims and the Future of Islam*. New York, Oxford University Press, 2004.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. *La double absence: des illusions de l'émigre aux souffrances de l'immigré*. Paris: Seuil, 1999.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante. *Travessia: Revista do Imigrante*, São Paulo, v. 13, n. especial, jan. 2000

TOLOLYAN, K., 2000. *Elites and institutions in the Armenian transnation*. *Diaspora*, 9 (1), pp.107-136

VAKIL, AbdoolKarim. Do *Outro* ao Diverso. Islão e Muçulmanos em Portugal: história, discursos, identidades. In: *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. Lisboa, Ano III, nº. 5/6, 2004, p. 283-312.